

### Crítica de Lionel Abel na PR. (Partisan Review)<sup>1</sup>

Hannah Arendt

- I. Não é verdade que “cubro não somente o julgamento de Eichmann, mas também seu plano de fundo”, menciono somente aquilo que foi mencionado durante o julgamento ou que apareceu nos seis volumes de exame policial que foi entregue à imprensa, mas que muitos repórteres não usaram. Eu escrevi uma reportagem, nada mais. Como Abel não quer “examinar meu tratamento do julgamento”, mas só “se preocupa com meus julgamentos de Eichmann e dos conselhos”, ele acaba por se preocupar, no que diz respeito aos conselhos, com assuntos marginais no contexto do meu livro, mas que na mídia judaica tomaram todo espaço - por motivos óbvios. Em outras palavras, o artigo dele pertence a campanha política instigada por organizações judaicas e pelas autoridades Israelenses. Logo depois, a menção dele a Robinson, que juntamente com seu irmão lideraram essa campanha prova esse ponto: ambos são funcionários judeu, virtualmente desconhecidos fora do mundo judaico.
- II. Um pequeno ponto: Minha “conclusão” obviamente não foi uma substituta para a conclusão do promotor Hausner para os juízes, mas uma conclusão imaginária de como os juízes poderiam ter falado.
- III. Nego enfaticamente que “o mais importante no livro é o pano de fundo do julgamento.” O que se segue é um claro absurdo: A instituição dos conselhos judaicos, não seus membros individuais eram insubstituível; E se Eichmann era substituível, a instituição para a qual ele trabalhava, a RSHA<sup>2</sup> (Gabinete central de segurança do Reich) não o era.
- IV. Em nenhum momento eu disse que Eichmann era “uma simples engrenagem no maquinário.” Essa era a teoria da defesa, o próprio Eichmann não fez nada para dar suporte a isso e eu disse: “Se isso significava nada mais que obedecer inquestionavelmente ao Fuhrer então eles não teriam sido nada mais que engrenagens...” (p. 52). A teoria da engrenagem só faz sentido quando falamos do sistema como um todo, mas é irrelevante no momento em que lidamos com um indivíduo, e o julgamento lida justamente com um indivíduo. Nessa e em outras instâncias fui criticada e aclamada por coisas que nunca disse ou pensei. De fato, as reportagens diárias estavam cheias da teoria da "pequena-engrenagem", daí as pessoas pensarem nesses termos. Meu relato, que toma Eichmann seriamente e então aponta que ele era um “palhaço” propositalmente deixou fora de consideração todas as “questões maiores”.

<sup>1</sup> Tradução Marcos Antônio da Silva Santos Ferreira.

<sup>2</sup> Em alemão *Reichssicherheitshauptamt*. Órgão que controlava as polícias, segurança alemã e administração das mesmas no período de 1939 até 1945. (wikipedia - buscar outras fontes)

- V. É verdade que negligenciei a existência de um Judenrat<sup>3</sup> Belga que possuía duas peculiaridades: Na Bélgica sob a administração militar, o Judenrat não era, na mesma extensão “uma ferramenta nazista de opressão” — Como escreveu-me em carta o Dr. L. De Jong<sup>4</sup>, diretor do instituto holandês de documentação de guerra. A Gestapo tinha menos poder lá, além disso, os membros desta associação eram de importância secundária, desde que os judeus mais influentes deixaram o país; O Judenrat tinha menos autoridade e menos confiança entre os judeus.
- VI. O parágrafo seguinte, assim como na página 216 lidam com o fato de que não existia um conselho judaico na Rússia e mesmo assim judeus foram mortos, nominalmente pelo Einsatzgruppen<sup>5</sup>. Meus comentários sobre os conselhos judaicos não se aplicam lá, e nunca pretendi que se aplicassem. A solução final, a qual Eichmann estava encarregado não tinha nada a ver com tiroteios e assassinatos no leste, estes começaram muito antes de o Führer ordenar a exterminação de todos os judeus. O destino dos judeus do Leste Europeu, Poloneses e dos Russos nunca foi posto em dúvida. (p. 196) Pode-se dizer que a solução final assimilou os destinos de todos os judeus com o destino dos judeus poloneses e Russos. A catástrofe que caiu sobre os judeus russos foi o resultado de uma ordem especial de Hitler que incluía todos os servidores russos, partidários, ciganos, entre outros, além dos judeus. (p. 94) Também faço menção a como os judeus russos foram pegos de surpresa — O que não é verdade para os judeus nos guetos poloneses. Nenhuma organização era necessária para esses assassinatos.
- O assassinato era feito no instante, mas nem todos os judeus podiam ser mortos, eles tinham que ser transportados para os centros de assassinato. É aí que entra Eichmann e quando os conselhos judaicos se tornaram importantes, pois esse era um trabalho grandioso de transporte e organização, e aqui teria-se tido uma escassez de mão de obra alemã sem a cooperação dos conselhos judaicos. É óbvio o motivo pelo qual não “abordei o assassinato de judeus na Rússia” mas “abordei... a forma como muitos outros judeus foram mortos pelo mundo”: Eichmann não teve nada a ver com isso e o que reportei foi o julgamento de Eichmann e não o que aconteceu com os judeus durante a segunda guerra mundial.
- VII. Abel cita a opinião de Mario Syrkin sobre o papel dos conselhos, mas essa opinião nunca foi proferida durante o julgamento. As testemunhas que fizeram a pergunta — A resistência de Varsóvia — pensavam diferente: eles falavam com desprezo sobre “a política do Judenrat de cooperar com os nazistas” e chamavam a polícia dos guetos de “instrumento nas mãos de assassinos”.

---

<sup>3</sup> Conselho que representa a comunidade Judaica.

<sup>4</sup> Historiador Dr. Loe De Jong (1914-2005)

<sup>5</sup> Unidade especial criada pelos nazistas em 1938 durante a anexação da Áustria para realizar a perseguição e execução dos inimigos do regime.

A questão foi levantada novamente durante o testemunho de Von Freudger, antigo e único membro de um Judenrat. As perguntas que fiz no livro (110-111) foram questões feitas pela galeria durante o julgamento, eu não as inventei. O ponto principal é que aqueles que tentaram escapar durante esses anos o fizeram em oposição aos conselhos judeus como também em oposição às ordens nazistas. Sobre a Holanda, para citar mais uma vez o dr. De Jong: “Um em cada cinco judeus tentou se esconder, assim sendo, opuseram-se à política dos conselhos judaicos”. E o resultado é que na Holanda, um dos únicos países que temos números confiáveis, de 20,000 judeus que se esconderam, cerca de 10,000 sobreviveram. Enquanto que de estimadamente 103,000 judeus que não se opuseram aos conselhos judaicos e foram denunciados, haviam 519 sobreviventes (os números são do Dr. De Jong). Os números estranhamente coincidem com aqueles mencionados por Freudiger para a Hungria: “cinquenta por cento das pessoas que escaparam foram recapturadas e mortas” em oposição a noventa por cento daqueles que não escaparam.

VIII. Do mesmo modo, isto é, supondo que escrevi um livro que na verdade nunca pretendia ter escrito, Abel reclama que eu omiti fatos e não contei toda a história do gueto de Lodz<sup>6</sup>, história essa que já foi contada diversas vezes, e que eu certamente teria me irritado se a tivesse repetido. Abel finge que eu não falei quais eram as justificativas dos próprios conselhos quando eles cooperavam: menciono rapidamente isso na p. 105. E o relato de Kastner é bastante explícito quanto a isso, mas ele claramente não o conhece pois foi publicado apenas em alemão.

Os argumentos mencionados por Abel (P. R. 217) não tem nada a ver com o assunto: o ponto principal, as listas de deportados para Auschwitz e outros lugares eram elaboradas pelos conselhos judaicos: eles resolveram decidir quem deveria morrer e quem poderia ter uma chance de sobreviver o suficiente para ver os nazistas serem derrotados. E é esse terrível negócio que está em jogo, não somente no meu relatório, mas também nas discussões gerais sobre o assunto.

IX. Na página 218 Abel discute sobre sua própria visão sobre o que os judeus poderiam ou não ter feito. Levanta a questão da resistência, que durante o julgamento foi levantada por Hausner. Falei duplamente sobre isso nas páginas 9 e 10, e na página 110. Abel assim como todos os críticos judeus, implícita ou explicitamente sugerem que eu disse que era possível haver uma resistência. Eu disse que o sr. Hausner parecia ter pensado isso, e que ele estava errado, segui adiante dizendo que ao fazer tal pergunta ele criara uma cortina de fumaça encobrendo uma pergunta muito diferente, a da cooperação ativa dos líderes judaicos. Cada um dele poderia ter recusado a “honra” de servir: se os nazistas os teriam coagido a outra questão, eles provavelmente teriam tentado e sucedido em ter o apoio dos piores elementos, e é possível que

---

<sup>6</sup> Segundo maior gueto estabelecido para judeus e ciganos na Polônia ocupada pelos nazistas

judeus respeitáveis, e que aceitaram posições de autoridade nos conselhos imaginavam que isso teria sido pior, em outras palavras, o mesmo argumento que ouvimos constantemente de alemães que tinham altas posições no escalão nazista: devemos servir para prevenir o pior, bem, a experiência judaica deveria servir como exemplo para esse argumento falacioso. Se os nazistas fossem forçados a enlistar a ajuda de traidores, a maioria do povo judeu, vendo que sua liderança foi subitamente mudada e, confrontados por homens que pouco conheciam não teriam sido tão obedientes em levar adiante as ordens, que além do mais, eram quase sempre advindas do conselho judaico e não diretamente dos nazistas. Aqueles que queriam prevenir o pior se tornaram instrumentos para que o pior fosse feito.

- X. Que eu tenha objetado aos judeus não morrerem em/na beleza é uma fantasia do sr. Abel. Que eu tenha dito que Eichmann era um sionista é absurdo: eu falava ironicamente, além de apresentar o que Eichmann pensava de si mesmo. Ele repetiu isso várias vezes, e era relevante já que suas obrigações originalmente tinham relação apenas com os sionistas.
- XI. Abel pergunta: “Por que Eichmann não imaginou que o assassinato de tantas pessoas indefesas fosse algo mal? Isso a sra. A. nunca tentou explicar.” Os fatos são diferentes, eu relatei extensivamente a “consciência de Eichmann” na página 99, os capítulos 6, 7 e 8 também tratam disso. É obviamente falso que eu “insisto em ver Eichmann como um funcionário insignificante”, isso não é o meu pensamento, nem minha linguagem.
- XII. Na página 224 Abel me acusa por ter notado que Eichmann gostava de se gabar, mas eu mesma sou apoiada pelas declarações das testemunhas de defesa, mas eu não precisaria disso já que era tão óbvio. No que concerne aos números, quantos judeus foram mortos? A tendência dos nazistas de se gabar é um grande obstáculo para o conhecimento de uma verdade estatisticamente precisa. Temos que confiar nas fontes nazistas, mas na tentativa de agradar Hitler, qualquer um pode ter falsificado os números.
- XIII. Na página 226 Abel aparece com o único argumento relevante de seu artigo. Me acusando de:
- a) Não ter levado em consideração minhas próprias teorias ao escrever meu relato e b) para o começo de tudo, de estar errada quanto a essas teorias. Bem, ele não pode ter as duas coisas. Se eu estava errada desde o início, ele devia ficar feliz que agora eu vejo a luz. Se me esqueci das minhas antigas “verdades”, a conclusão a que ele chega de que minhas teorias agora são “inválidas” não faz sentido.

O motivo para toda essa confusão é que Abel está sendo novamente sob a influência direta da irresponsável propaganda de certas instituições judaicas e suas conversinhas. Quer ao mesmo tempo, justificar os conselhos judaicos e se banhar na glória da resistência judaica, que de todo modo teve que lutar com o conselho judaico (Até que ponto isso é verdade? Mas isso veio à luz durante o julgamento, no testemunho da resistência do gueto de Varsóvia). O ponto que interessa é que o absoluto terror de que falei em *As origens do totalitarismo* estava presente para os judeus nos campos de concentração, e falando de modo geral, para todo o povo judeu, mas não o era de modo algum uma verdade para os “líderes” judaicos. Se tinha diferentes

graus para diferentes categorias, e enquanto a resistência estava fora de questão para todos, não participar era possível para todos aqueles fora dos campos de concentração — E como sabemos agora, a não participação era possível até mesmo para os membros da SS. Nada aconteceu com eles quando se negaram a ser assassinos.

Há instâncias de judeus se negando a servir por não quererem tomar parte nas políticas nazistas. Até mesmo durante os anos de guerra, o destino deles não foi diferente do de outros judeus.

Quanto à possibilidade de um levante contra a total dominação Abel cita os poloneses e os húngaros, não é óbvio que: a) Aconteceu após a morte de Stalin, e b) Em países satélite, não na própria Rússia. E por fim: Os nazistas soviéticos continuam totalitários? Acredito que não. É uma ditadura unipartidária e despota, sem liberdade civil e garantias constitucionais, mas também sem campos de concentração e, com consideravelmente mais liberdade do que estaria de acordo com um regime totalitário.

Concluindo: O texto de Abel não passa de literatura de campanha política. Estão presentes aqui todas as distorções, mudanças de ênfase, os enganos conscientes que já me são conhecidos das matérias na imprensa judaica. A esse respeito é importante notar a grande ênfase na resistência [de Varsóvia], ao qual o papel na catástrofe foi “ridiculamente pequeno” como declarou uma testemunha. Existe um grande número de literatura desse tipo, incrivelmente ruim, não confiável e sentimental. Parece-me signicante que o PR anuncie edições futuras: “documentos das lideranças judaicas sob o nazismo” — Posso apenas concluir que eles decidiram se unir à campanha política do estabelecimento judeu, em vista que a revista nunca pareceu disposta a publicar literatura atinente a tais assuntos.

É quase um acidente que eu esteja no centro de tal campanha. Desde a publicação do livro de Hilberg, essas organizações vêm se preocupando com o que fazer (leiam a carta ao editor de comentários quando Trevor Roper fez uma crítica favorável ao livro). Que falar a verdade possa resultar na produção de tantas mentiras que de outro modo talvez nunca tivesse visto a luz do dia é triste, mas não é incomum na política.